

ANÁLISE DO ROMANCE INDUSTRIAL *NORTE E SUL*, DE ELIZABETH GASKELL, E AS REPRESENTAÇÕES DA INDUSTRIALIZAÇÃO E SEUS DESDOBRAMENTOS

ANALYSIS OF ELIZABETH GASKELL'S INDUSTRIAL NOVEL *NORTH AND SOUTH* AND THE REPRESENTATIONS OF INDUSTRIALIZATION AND ITS DEVELOPMENT.

*Andressa de Oliveira Nascimento*¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar no romance industrial *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell, as representações da Revolução Industrial inglesa e seus desdobramentos sociais, tais como o conflito entre classes, as condições de trabalho e os mecanismos – greves e sindicatos – de reivindicação dos trabalhadores. Em *Norte e Sul*, Elizabeth Gaskell relata a vida de Margaret Hale, uma mulher de classe média sulista que, devido ao pai, se muda para Milton, uma cidade industrial no norte da Inglaterra. Nesse novo ambiente, a protagonista terá que superar seus preconceitos sobre a classe burguesa e os operários, deixando para trás a idealização do campo.

Palavras-chave: Elizabeth Gaskell, “Norte e Sul”, Industrialização, romance.

Abstract: This paper aims to analyze in Elizabeth Gaskell's industrial novel *North and South* the representations of the English Industrial Revolution and its social developments, such as the class conflict, working conditions and the mechanisms - strikes and unions - of vindication of the workers. In *North and South*, Elizabeth Gaskell recounts the life of Margaret Hale, a southern middle-class woman who due to her father moves to Milton, an industrial city in northern England. In this new environment, the protagonist will have to

¹ Graduanda em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Paraná.

overcome her prejudices about the bourgeois class and the workers, leaving behind the idealization of the countryside.

Keywords: Elizabeth Gaskell, “North and South”, Industrialization, novel.

Sobre Elizabeth Gaskell

Elizabeth Cleghorn Stevenson (1810-1865), conhecida pelo nome de casada Elizabeth Gaskell, foi uma romancista inglesa que viveu durante o auge da Revolução Industrial inglesa e presenciou uma intensa movimentação política, econômica, social e cultural em seu país. Gaskell escreveu cinco romances completos: *Mary Barton* (1848), *Ruth* (1853), *Norte e Sul* (1855), *Cranford* (1853) e *Sylvia's lovers* (1863), além de *Esposas e filhas* (1865), deixado incompleto devido à sua morte. Foi autora, também, da biografia póstuma de sua amiga romancista Charlotte Brontë – *The life of Charlotte Brontë* – em 1857. *Mary Barton* é seu único outro romance que aborda questões industriais semelhantes a *Norte e Sul*. Segundo Cristina Stevens, em *A operária no romance inglês*, tanto *Mary Barton* quanto *Norte e Sul* são hoje considerados fontes importantes para análises dos problemas causados pela Revolução Industrial, em especial a péssima qualidade de vida dos trabalhadores urbanos. Em *Mary Barton*, Gaskell apresenta o ponto de vista dos trabalhadores pobres, em *Norte e Sul*, a autora narra a perspectiva dos industriais e dos trabalhadores através de uma personagem oriunda do sul campesino da Inglaterra. Gaskell nasceu em Chelsea, uma pequena cidade nos arredores de Londres, e, após casar-se em 1832 com William Gaskell, um pároco unitarista, viveu até sua morte, em 1865, na cidade industrial de Manchester, centro da produção

algodoeira inglesa e palco de diversos conflitos entre industriais e trabalhadores. Em Manchester, Elizabeth e William Gaskell elaboram projetos beneficentes de auxílio aos necessitados. Segundo Silveira (2016), é a partir dessas ações beneficentes que a autora tem contato com a contrastante realidade de Manchester, que será retratada através da fictícia cidade industrial de Milton em seu romance *Norte e Sul*: de um lado, a prosperidade econômica, representada pelo industrial Thornton, por outro, a intensa desigualdade e a situação de vida precária dos operários, ilustrada pelas famílias Higgins (Nicholas, Bessy e Mary Higgins) e Boucher.

Norte e Sul foi inicialmente publicado na revista literária *Household Words*, editada, em 1854, por Charles Dickens. O romance, que era publicado de forma seriada, tem no final de 1855 sua edição em formato de livro, sendo assim possível a adição de mais detalhes e capítulos deixados de fora da edição seriada. O livro integra parte dos romances industriais e sociais publicados na Inglaterra no século XIX, e expressa principalmente os desdobramentos da Revolução Industrial, tentando articular e conciliar as posições dos donos de fábricas e dos trabalhadores. O período em que Elizabeth Gaskell escreve corresponde ao reinado da Rainha Vitória (1837-1901), conhecido como Era Vitoriana. Foi um período de intensa movimentação política, social, econômica e cultural inglesa. A Era Vitoriana se configura, a partir da perspectiva de Jesus (2014), como uma época de choque entre valores culturais opostos: de um lado, o puritanismo e a moralidade rígida exemplificados pela figura da monarca e, do outro, a ascensão de uma nova classe que estabelecia novas noções morais e culturais (como o

esforço individual e o mérito), ou seja, o conservadorismo da vida privada em contraste com o progresso da vida pública e econômica, em especial pelos acontecimentos da Revolução Industrial e do Imperialismo. Em *Norte e Sul*, essa oposição gera um sistema de representações fictício apresentado pelos personagens: a protagonista inicialmente incorpora o puritanismo e moralismo; o industrial Thornton, o progresso econômico e, de certa forma, o darwinismo social em ascensão no XIX; e as famílias operárias ilustram as consequências desse cenário, tanto para aqueles que se organizam na forma de sindicatos, como os Higgins, quando para aqueles que se recusam a incorporar essa unidade dos operários e “furam” as greves, como os Boucher. Desta forma, Jesus (2014) aponta que o imaginário do romance revela um sistema de representações do mundo real. Mesmo que os personagens de Gaskell não tenham existido, eles são símbolos do período em que a autora escreve e ilustram ideologias que representam as regiões geográficas nas quais vivem.

Literatura e História no século XIX

Socha (2018) apresenta a literatura como um instrumento de reflexão da realidade. Para ele, os romances do século XIX constituem importantes fontes para se compreender os confrontos entre o progresso técnico e a desigualdade social propagados pela Revolução Industrial. Em especial a partir da década de 1830, as artes e a literatura tornaram-se obcecadas pela ascensão da sociedade capitalista, “por um mundo no qual todos os laços sociais se desintegravam exceto os laços entre o ouro e o papel-moeda” (HOBSBAWM, 1997: 40). Assim sendo,

o presente trabalho, ciente das limitações ficcionais da literatura romântica, utiliza a obra *Norte e Sul* como fonte histórica passível de auxiliar no estudo dos conflitos sociais e das relações entre as classes nesse período.

Proveniente da classe média, esposa de um pároco, partidária das ações de caridade e vivenciando o contraste entre progresso e desigualdade social em Manchester, Gaskell projeta em sua protagonista, Margaret Hale, sua consciência social. Guimarães (1993: 3) aponta Margaret como “a filha ideológica” de Gaskell, pois é a partir dela que enxergamos seu ponto de vista acerca dos conflitos que vivenciou. Em Gaskell, “o conflito entre os seus impulsos naturais de exposição e denúncia do *status quo* e as exigências das convenções sociais e do seu empenhamento religioso, veio a refletir-se na sua obra” (GUIMARÃES, 1995: 6). Emerge, portanto, a necessidade de relacionar a análise dos textos ao contexto em que eles são produzidos. Assim sendo, a relação literatura e sociedade – e História – constitui um ponto central deste trabalho. Segundo Ian Watt, a ascensão do romance se deu lado a lado com a ascensão da classe média burguesa na Inglaterra. De acordo com ele, o aumento da “riqueza dos comerciantes, profissionais independentes, funcionários administrativos e membros do clero” (WATT, 2010: 43) provavelmente fez alcançar o âmbito da cultura da classe média, local no qual se fazia presente a porcentagem mais significativa do público comprador de livros, uma vez que “o romance estava mais próximo da capacidade aquisitiva dos novos leitores da classe média” (WATT, 2010: 44). Ou seja, para o autor, a ascensão e ampliação dessa classe média burguesa teria alterado o centro de

gravidade do público leitor da época, fazendo com que ocupassem uma posição predominante na literatura. Assim, Watt aponta que essa literatura foi muito influenciada pela posição da classe mercantil no que se refere ao individualismo econômico e ao “puritanismo algo secularizado” (2010: 52). Para Guimarães (1995), a década de 1840 inicia um período que busca voltar o olhar do leitor para os problemas sociais frutos da Revolução Industrial. Emerge o subgênero do romantismo social, que passaria a abordar temas de preocupação social, tal como a desigualdade entre ricos e pobres, a desumanização das fábricas e asilos e a exploração da mão-de-obra.

Löwy e Sayre ao tentarem definir uma tipologia do romantismo, apontam a falta de exploração – exceto pelos marxistas – da relação entre romantismo e a realidade social. Segundo os autores, os românticos exprimem, muito melhor que os historiadores, as mudanças decorrentes dos êxodos para as cidades e os desdobramentos desse processo, tal como a mendicância, a pauperização da população, a exploração do trabalho e outros aspectos. Hartog (2017: 127) escreve que

O século XIX, século da história e do romance, viu então se impor essa dupla evidência: a da história, concebida como processo, levada por um tempo ator, e vivida em modo de aceleração; a do romance, convocado a revelar esse mundo novo. *Existem, portanto, dois "lados": aquele dos historiadores e da história tornando-se disciplina; e aquele dos escritores e do romance* (grifos meus).

A partir disso, se define o romantismo como uma visão de mundo, uma “estrutura mental coletiva” (LÖWY; SAYRE. 2015: 34). Peter Gay (2010) discute os limites entre a verdade ficcional e a verdade

histórica. Segundo ele, ainda que a realidade seja a matéria do escritor, não se deve perder de vista os filtros vinculados ao universo ficcional e a liberdade criativa dos romancistas, daí a constituição dos “dois lados” citados por Hartog: a História enquanto estudo dos fatos e a literatura como produtora de possibilidades. Gay assinala que os romancistas – e as romancistas – fazem uso de diferentes métodos e estratégias para associar realidade e ficção, assim os romances constituem fontes interessantes de análise para os historiadores, uma vez que, mesmo através dos filtros e liberdades inerentes à ficção, fornecem aos historiadores diferentes perspectivas de seus períodos de produção, modo de pensar e costumes. Na perspectiva de Löwy e Sayre, o romantismo é um movimento multifacetado, uma vez que, mesmo que nasça como oposição a realidade capitalista moderna, esse conflito é expresso dentro dos âmbitos culturais e sociais de diferentes formas. Mesmo que a sensibilidade romântica se oponha, de forma geral, à civilização gerada pelo capitalismo, as críticas românticas se dirigem a diferentes aspectos desse processo e propõem, assim sendo, diferentes soluções. Nas obras literárias essas críticas se encontram ainda mais escondidas; é através da narrativa, dos personagens e das palavras que os literatos românticos expõem sua crítica social.

Ao falar das possibilidades da história, a literatura narra uma história que não ocorreu, ela constitui um “testemunho triste [...] dos homens que foram vencidos pelos fatos”, deste modo, o romance realista apresenta-nos seus personagens inseridos através do tempo e espaço (SEVCENKO, 1999: 21). Sevcenko reitera essa noção, segundo ele, sendo a literatura uma produção discursiva, ela é permeada pela

sociedade e pelo tempo do autor, não há como “imaginar uma árvore sem raízes” (1999:20). Deste modo, essa literatura constitui um caminho privilegiado para o estudo da história social: o romance é visto como “um espelho erguido do mundo” que “fornece reflexos muito imperfeitos” (GAY, 2010), mas ainda assim importantes do ponto de vista historiográfico.

Por meio das tipologias do romantismo de Löwy e Sayre, podemos definir *Norte e Sul* como uma obra romântica resignada e conservadora, permeando, inclusive, o realismo. Vejamos a definição do romantismo conservador dos autores:

O romantismo conservador adota a posição intermediária, aceitando a situação existente na Europa nos períodos em questão, na qual o capitalismo nascente e em plena ascensão divide o terreno com elementos feudais importantes. (2015: 92).

Enquanto o romantismo resignado propõe:

A aceitação – a contragosto – do capitalismo aproxima o romantismo resignado do tipo conservador, mas sua crítica social da civilização industrial é mais intensa. [...] esse tipo de romantismo pode dar lugar a uma visão trágica do mundo (contradição [...] entre os valores e a realidade) ou a uma ação reformista, cujo desejo é remediar alguns dos males mais flagrantes da sociedade burguesa, graças ao papel regulador de instituições que traduzem valores pré-capitalistas (2015: 98).

Ou seja, se por um lado vemos *Norte e Sul* como um romance que discute os males do capitalismo, mesmo que a autora ainda

permaneça nos alicerces conservadores da Era Vitoriana, por outro essa “ação reformista”, que os autores discutem, está presente em sua obra. Mesmo que seja um reformismo, uma tentativa de diminuição das consequências da Revolução Industrial, proposto pela conciliação cristã entre industriais e operários, tal como ilustram as seguintes passagens do romance:

– [...] Tudo o que quis dizer é que não existe qualquer lei humana que impeça os empregadores de gastar inteiramente ou jogar fora todo o seu dinheiro, se quiserem. *Mas há passagens na Bíblia que poderiam significar – pelo menos para mim – que eles estariam negligenciando seus deveres como administradores se fizessem isso.* [...] – Não por causa das suas posições de trabalho e capital, sejam quais forem, mas porque *o senhor é um homem lidando com um grupo de homens sobre o qual tem imenso poder – quer rejeite o uso desse poder ou não – e porque as suas vidas e o seu bem-estar estão constante e profundamente interligados. Deus nos criou para sermos mutuamente dependentes.* Podemos ignorar nossa própria dependência, ou negar a verdade de que muitos dependem de nós em muitos aspectos além do pagamento de salários semanais. (grifos meus) (GASKELL, 2011: 94-98).

Essa passagem apresenta um trecho da conversa entre Margaret e Thornton. A protagonista não consegue entender como um industrial dotado de poder se coloca acima da classe dos trabalhadores, a quem em realidade deveria proteger. Influenciada pelo movimento romântico e pela filantropia, Gaskell representa sua resolução dos conflitos sociais através da lente do intervencionismo cristão. Em outras palavras, a partir de sua posição social e suas vivências, em especial devido ao senso de caridade cristã e ao ideal de igualdade, a autora propõe que a

resolução dos conflitos ilustrados em seu romance seria a convergência entre os ideais do Sul (ilustrados em Margaret), os do norte (Thornton) e dos trabalhadores (Higgins e Boucher). O casamento entre Margaret e Thornton sintetiza essa resolução final de Gaskell. De um lado, os ideais humanistas do Sul, do outro, o poder e capital do Norte. Daí que este seja visto como um “casamento ideológico” e, assim sendo:

[...] a raça que emerge deste casamento que deve governar esta sociedade e acabar com esse antagonismo [...] para que uma sociedade superior seja estabelecida, civilizada sem suavidade, ocupada sem excesso, ideal sem delicadeza, prática sem rudeza [...]. Nesse credo em particular, nesta fé no trabalho, a solução de todas as dificuldades que a indústria criou, para ... o trabalho ... é uma idéia eminentemente social, capaz de reunir os homens por laços morais... [...] corrói todo o egoísmo, esmaga os interesses individuais, [...] e os reduz a nada mais do que um elo na grande corrente que envolve a sociedade e faz o homem depender do homem. (GUIMARÃES, 1993: 12).

Em *Norte e Sul*, o contraste entre regiões expressa outra característica do romantismo: sua relação com a natureza. No romance, essas regiões geográficas expressam, inicialmente, os ideais subjetivos de seus moradores através do olhar da protagonista. Segundo Raymond Williams, as representações do campo e da cidade generalizaram-se ao entorno de “atitudes emocionais poderosas” (1989: 11). Se por um lado o campo viria sempre associado a uma forma de vida natural (a inocência e a simplicidade), a cidade vinculou-se à imagem de “centro de realizações” (do conhecimento). Ou ainda mesmo, o campo como atraso e ignorância; a cidade, mundanidade e barulho. Williams

apresenta a metáfora da “escada rolante”, segundo ele trata-se de um movimento constante de retorno ao passado, que envolve o hábito de supervalorização desse local de origem (expresso aqui, pelo campo) como subterfúgio para criticar o presente (ou seja, a cidade). Ainda segundo o autor, essa metáfora revela certo ressentimento em relação às transformações econômicas e sociais da sociedade contemporânea, a negação de valores tradicionais e modos de vida baseadas na produção capitalista. A protagonista de *Norte e Sul* encarna essa metáfora. Partindo desse ponto é que Gaskell trabalha de forma sutil as mudanças nas formas de pensar de Margaret, são seu convívio com os trabalhadores e a vivência da greve pela perspectiva dos operários e dos industriais que permitem a ela, ao final do romance, admitir seus preconceitos contra o Norte e deixar de lado a idealização bucólica do Sul, abrindo espaço para a resolução dos conflitos por meio de uma caridade que envolve a disposição para o diálogo e a compreensão dos problemas sociais e econômicos alheios tanto por parte de Thornton (industriais) quando de Higgins (operários).

A questão sempre é: será que fora feito todo o possível para *minorar os sofrimentos daqueles poucos*? Ou, no triunfo da multidão, *seriam os fracos pisoteados*, ao invés de serem gentilmente afastados do caminho do vencedor, a quem não tinham condições de acompanhar na sua marcha? (grifos meus) (GASKELL, 2011: 56).

Norte e Sul expressa um importante conflito de valores que se intensificou a partir da segunda metade do século XIX: a sociedade se encontrava dividida entre o orgulho pelo progresso técnico e avanço do

comércio inglês (como podemos ver na fala de Thornton), que frisavam a superioridade humana (inglesa) sobre a natureza, e, por outro lado, o crescimento das desigualdades, a pauperização da população, o conflito entre as classes e o adoecimento dos trabalhadores.

Os desdobramentos da Revolução Industrial em *Norte e Sul*

O romance social *Norte e Sul* tem como pano de fundo a cidade industrial de Manchester, na Inglaterra, ilustrada através de Milton, em plena Revolução Industrial na segunda metade do século XIX. Publicado em 1854, o romance integra o período da Grande Revolução burguesa de Hobsbawm (1997). Segundo esse autor, a partir de 1789 via-se o triunfo de um modo de vida e economia burguesa liberal, pautada principalmente por uma dupla revolução política francesa e industrial inglesa. Essa dupla revolução causou profundas mudanças, levando à emergência da figura do “burguês conquistador” e ao aparecimento de movimento operários que se fortaleceriam, em especial, a partir de 1830. Essa noção de ascensão de uma nova mentalidade burguesa contribui para compreender as oposições presentes em *Norte e Sul*, e para que a protagonista aceite as ideias burguesas de forma lenta e com receio.

De acordo com Hobsbawm, pela primeira vez na história humana o poder produtivo da sociedade se torna capaz de gerar rápida e constante multiplicação (ilimitada) de “homens, mercadoria e serviços” (1977: 40). O novo sistema fabril produzia a despeito da demanda interna existente: ele criava seu próprio mercado. A década de 1780 marca o período inicial da Revolução Industrial inglesa, esse período

foi marcado pelo abrupto crescimento da economia que, em suas palavras, “voava”. “Mr. Hale via algo de fascinante naquela energia que vence dificuldades enormes com facilidade. O poder das máquinas de Milton, o poder dos homens de Milton, impressionavam-no por sua grandeza” (2011: 55).

Uma das primeiras consequências da industrialização presentes no romance é ilustrada pela contraposição entre Helstone, cidade rural originária de Margaret, e a cidade industrial de Milton Norte:

Não pode achar que o ar enfumaçado de uma cidade industrial, suja e cheia de chaminés como Milton Norte, seja melhor que este ar, que é puro e doce [...]. Margaret sabia que deviam se mudar, mas a ideia de uma cidade industrial lhe era repugnante, e acreditava que a mãe estava se beneficiando do ar de Heston [...]. Muito antes de chegarem em Milton, viram uma nuvem cor de chumbo pairando no horizonte, na direção em que ficava a cidade. Era muito escura, em contraste com o tom cinza azulado do pálido céu de inverno. Em Heston já haviam sentido os primeiros sinais de frio. Próximo a Milton, o ar tinha um leve gosto e cheiro de fumaça. Talvez fosse mais a falta da fragrância da grama e dos bosques do que propriamente o cheiro de fumaça, afinal de contas. Logo se viram dando voltas pelas ruas longas e retas, com casas regulares, todas pequenas e de tijolos. Aqui e ali, erguia-se uma fábrica, grande e retangular, com muitas janelas – como uma galinha no meio de pintinhos – soltando uma fumaça que Margaret acreditara ser apenas um prenúncio de chuva [...]. Os nevoeiros de novembro chegaram, o ar parecia espesso e amarelado (GASKELL, 2011: 38-53).

Segundo Williams (1989: 215), as cidades industriais do norte da Inglaterra tiveram um crescimento extremamente rápido e explosivo. O autor aponta que entre 1821 e 1842, enquanto Londres teve um

crescimento de 20%, Manchester cresceu mais de 40%. Se em 1773 Manchester contava com 43 mil habitantes, em 1831 esse número quintuplicou para 187 mil habitantes. Assim, ele apresenta essas novas cidades industriais como fator decisivo do novo “caráter de cidade e as novas relações entre cidade e campo”. Esses emergentes centros industriais se organizavam ao entorno dos lugares de trabalho (das fábricas). Os trabalhadores recém-saídos do campo encontram na cidade a degradação e exploração. Ao longo do XIX, o trabalhador pobre é representado pelas classes dominantes como a “classe perigosa” associada ao ócio, vadiagem, alcoolismo e jogo. Os baixos salários que a esquerda atribuía à ganância dos industriais, eram associados também à mentalidade de que magros pagamentos eram um estímulo à industriiosidade e preveniam o mau uso do dinheiro.

Margaret Hale, a protagonista de Gaskell, se muda para o norte com seu pai e mãe. Esse evento desdobra-se do abandono de Mr. Hale de sua paróquia, em decorrência de dúvidas sobre sua religião. Guimarães (1995: 46) aponta que um dos alardes da industrialização seria o declínio do cristianismo, isso ocorria devido à incompatibilidade dos dogmas religiosos com a realidade em que se vivia. Segundo ela, o questionamento do sofrimento em face da existência ou não de um Deus era o principal motivo do aumento do ateísmo em cidades industriais. Essas cidades se constituíam como símbolo de uma nova sociedade liberal e industrial. As cidades, em especial as industriais, constituíam um ponto estratégico para se entender as modificações a que o processo industrial deu início e, a partir disso, “à semelhança de um laboratório” podia-se definir meios de intervenção e controle dessas mudanças

(GUIMARÃES, 1995: 39). Milton, a cidade fictícia de *Norte e Sul* baseada em Manchester, deve ser vista dessa mesma forma. Gaskell ilustra Milton como um ambiente totalmente novo para a protagonista, um ambiente que a afetará e endurecerá, assim possibilitando que, a partir de seus ideais sulistas e a convivência com as mudanças provocadas pela industrialização em Milton, proponha soluções e modos de intervenção para os problemas que vê.

Para Raymond Williams, as novas cidades industriais inauguram “a cidade como símbolo da sociedade dividida em classes” (apud MENEGUELLO, 2000: 55-56), assim começam a ser analisadas como espaço de confronto social, “o espaço é a cristalização dos abismos sociais” e reflete a desigual (e como coloca Engels “hipócrita”) divisão dos espaços. O relato de Engels em *A condição da classe operária inglesa* é um dos textos mais lidos no que se refere a questão social das cidades industriais, é a partir dele que Manchester se torna o símbolo da década de 1840, do ápice dos conflitos sociais. Vemos, assim, mais claramente a cidade como paradigma da Revolução Industrial: ela encarna a “cidade choque de uma época” (BRIGGS apud MENEGUELLO, 2000: 55). Transmutando essa noção para o romance aqui analisado, poderíamos falar de diversas dicotomias que surgem ao longo do romance (mesmo que ao final sejam solucionadas de certa forma): o sul campesino, humanista, bucólico e o norte industrial, desigual e sem atrativos.

Bresciani (1985: 40) apresenta-nos a noção de “duas nações”, representadas pelo abismo existente entre os “ricos-civilizados” e os “pobres-selvagens”. O desenvolvimento urbano das cidades industriais

constituiu um processo de segregação de classes: os trabalhadores pobres eram compelidos para centros de miséria sem planejamento separados das áreas de habitação da burguesia. As grandes cidades europeias foram, então, divididas entre zonas ricas e zonas pobres (HOBSBAWM, 1997). A explosão urbana inglesa leva ao processo de aglomeração dos trabalhadores e suas famílias em locais impróprios, bairros sem água encanada, esgoto a céu aberto, o ar coberto de fuligem. Eram, em suma, locais em que conviviam doenças, frio, alcoolismo, violência e, em épocas de crise, o desemprego e a fome (MENEGUELLO, 2000). As áreas pobres, que cresciam em torno das fábricas, sem planejamento ou supervisão, viram ressurgir, entre 1830 e 1850, grandes pandemias (principalmente de doenças transmitidas pela água), tal como o tifo, a cólera e a febre recorrente. Para além das mortes causadas por esgotamento, fome e outras derivadas dos insalubres ambientes fabris.

O interesse de Margaret pelos habitantes de Milton surge quando essa conhece a família Higgins, em especial Bessy, uma jovem de 19 anos que adoeceu devido ao trabalho nas fábricas de algodão. Em uma conversa com Margaret, a personagem explica: “comecei a trabalhar cardando a lã lá, [...] e a penugem do algodão entrou nos meus pulmões e me envenenou” (GASKELL, 2011: 81). Silveira (2016) escreve que comumente não eram os adultos que adoeciam, mas sim as crianças e até mesmo recém-nascidos, principalmente por crescerem nos ambientes fabris, aumentando as taxas de mortalidade infantil no período. A autora aponta ainda que a indústria algodoeira era vista

“como um dos locais em que as condições de trabalho eram mais inadequadas” (SILVEIRA, 2016: 43).

Para além dos Higgins, outra família operária é ilustrada no romance: os Boucher, o marido fura-greves, a esposa doente e oito crianças. Ao longo da narrativa, Nicolas Higgins tenta cooptar Boucher para o Sindicato, a seguinte fala ilustra esse momento:

– Estado da economia! Isso é só uma peça de toda essa trapaça dos patrões. Eu estou falando de faixas salariais. Os patrões controlam o estado da economia com suas próprias mãos, e apenas lançam essa ideia no ar como uma fonte de medo irracional, para assustar as crianças desobedientes e obrigá-las a serem boas. Eu lhe digo que é o papel deles – a sua função, como muita gente chama – nos diminuir para aumentar as suas fortunas. E o nosso papel é nos mantermos de pé e lutar com bravura, não apenas por nós mesmos, mas por aqueles que nos rodeiam, pela justiça e honestidade. Nós ajudamos a fazer os seus lucros, e devemos ajudar a gastá-los. Não, dessa vez não queremos apenas o seu dinheiro, como já fizemos muitas vezes antes. Temos um dinheiro economizado e estamos decididos a resistir e morrer juntos. Nenhum homem entre nós vai aceitar trabalhar por menos do que o sindicato diz que é nosso direito. Então eu digo “Viva a greve!” e deixem que Thornton, e Slickson, e Hamper, e todo o seu resolvam tudo isso! (GASKELL, 2011: 123)

Essa fala de Higgins ilustra a noção de exploração que os trabalhadores do Sindicato possuíam, em especial pelas expressões ao longo da narrativa que afirma a necessidade de uma frente unida de luta trabalhadora contra os interesses dos patrões, uma vez que estes pouco se importariam com as mazelas que viviam os operários. Thornton, por exemplo, diz: “nós os capitalistas temos o direito de escolher o que

fazer com nosso capital” (GASKELL, 2011: 94), e isso não incluía, conforme a visão de Margaret, a melhora na condição dos trabalhadores, uma vez que o industrial incorpora um ideal de esforço individual que se expande no século XIX.

A greve e a contratação de mão-de-obra irlandesa são outros desdobramentos da Revolução Industrial que aparecem no romance. Gaskell trabalha a perspectiva da greve tanto pelo olhar dos trabalhadores, como um meio legítimo e de extrema importância para fazer frente aos patrões e reivindicar direitos, quanto pelo olhar dos industriais, que viam a greve como uma perda de tempo e dinheiro, apontando que os operários não tinham conhecimento da economia do país e, portanto, não faziam ideia de que suas reivindicações, como o aumento de salários, não era possível devido à queda do comércio de algodão na década de 1830. “Se o algodão florescia, a economia florescia, se ele caía, também caía a economia” (HOBSBAWM, 1977: 51-52). A exploração da mão-de-obra, cuja renda era mantida no nível da subsistência para que fosse possível o acúmulo de capital pelos ricos, criava um intenso conflito com o proletariado. Podemos, através de Hobsbawm, explicar esse quadro. Em 1793, o maior gasto da indústria algodoeira foi drasticamente diminuído pela expansão do cultivo de algodão no sul dos EUA depois da invenção do descaroçador de algodão por Eli Whitney, o que tornava o preço de venda dos produtos bem maior que o custo de sua produção. Depois de 1815, com o fim das guerras napoleônicas, essas vantagens começam a diminuir, a margem de lucro da produção e venda do algodão reduz. Se em 1784 era de 8 shilling e 11 pence em 1832 cai para 4 pence. “Claro, a situação [...] não

era muito trágica” aponta Hobsbawm, ainda havia lucros que permitiam um grande acúmulo de capital: “assim como as vendas totais cresceram vertiginosamente, também cresceram os lucros totais mesmo com suas taxas decrescentes” (1997). No entanto, segundo o que aponta o autor, havia a necessidade de conter o encolhimento na margem de lucros e, uma vez que isso não podia ser feito cortando-se o custo de produção, restava a compressão dos salários. Esses podiam ser comprimidos pela simples diminuição, pela substituição de trabalhadores qualificados mais caros e pela competição da máquina com a mão-de-obra. Assim, os salários caíram desmedidamente após 1815. A partir de então, o paradigma da Revolução Industrial passa a englobar um conjunto de questões de agitação popular, movimentos sindicais, o cartismo e a Liga contra as leis do Trigo (MENEGUELLO, 2000). Essa Liga encontrava na cidade de Manchester seus principais apoiadores. Ela surgia como símbolo da oposição da nascente classe média ao protecionismo e tradicionalismo da aristocracia inglesa, à qual atribuíam a dificuldade de abaixar o custo de vida da classe operária. Seguindo essa lógica, apenas se o custo de vida abaixasse era possível também a queda dos salários, uma vez que seu limite era a subsistência. Em outras palavras, a economia de então não se baseava no poder aquisitivo da população operária, o que levava aos economistas da época a dizerem que o salário dos operários não deveria ser maior do que o necessário para sua subsistência, se fossem homens, uma vez que as mulheres e crianças recebiam menos que a subsistência (HOBSBAWM, 1977). Para além disso, as cidades representavam cada vez mais a concentração de fábricas e capital na mão de poucas famílias, tornando nítido o conflito

entre os patrões e a massa de trabalhadores aviltados com salários de subsistência e pela exploração da mão-de-obra de mulheres e crianças. As fábricas empregavam cada vez mais mão-de-obra dócil e barata, ou seja, mulheres e crianças:

[...] de todos os trabalhadores nos engenhos de algodão ingleses em 1834-47, cerca de um-quarto eram homens adultos, mais da metade era de mulheres e meninas, e o restante de rapazes abaixo dos 18 anos (HOBSBAWM, 1997).

Por volta de 1830, momento que Hobsbawm nomeia de “primeira crise geral do capitalismo”, a depressão econômica do algodão estagnou a economia, produzindo uma massa de desempregados que avolumaria uma agitação popular sem precedentes históricos na Inglaterra. É deste período que Gaskell trata em seu romance, ela ilustra as consequências e os modos como a classe operária e os patrões tentaram lidar com essa crise. A partir desse quadro tornaram-se claras as consequências da nova economia industrial: a miséria e o descontentamento social, apontados como os principais ingredientes da revolução social que tem início na década de 1830 e culmina com os revoluções operárias 1848. Várias foram as reações dos operários frente a primeira grande crise do sistema fabril, e a greve constituía um dos principais mecanismos de luta da classe operária nesse momento.

Thornton diz à Margaret sobre a greve:

– Para dominar e tomar a propriedade dos outros – disse Mrs. Thornton com um trejeito orgulhoso. – É para isso que eles sempre fazem greve. Se os trabalhadores do meu

filho fizerem greve, só direi que são um bando de patifes ingratos. Mas não tenho dúvida de que farão (GASKELL, 2011: 92).

Por outro lado, Higgins, que personifica a classe trabalhadora, diz:

– Minha jovem – disse ele – você é só uma menina, mas não acha que eu posso manter três pessoas – Bessy, Mary e eu – com apenas **dezesseis xelins por semana**, acha? Não imagina que é para mim que estou fazendo greve, a essa altura? [...] eu defendo a causa de John Boucher, que vive aqui do lado, e tem uma esposa doente e oito filhos, nenhum com idade para trabalhar na fábrica. E não luto só por causa dele, embora ele seja um pobre desajeitado, que só consegue manobrar dois teares de uma vez, mas luto pela causa da justiça. Por que devemos receber menos agora, pergunto, do que há dois anos? (GASKELL, 2011: 107).

Higgins enxergava uma causa justa em suas reivindicações, pois os salários eram muito baixos para poder alimentar grande parte das famílias operárias. Assim, a organização do Sindicato é de extrema importância, pois se constitui como um movimento de confronto aberto contra as classes dominantes. Gaskell, mesmo que opte por uma solução escapista, negando a luta de classes, expressa ao longo do romance as divergências entre patrões e trabalhadores. Esse conflito se acentua mais ainda quando Thornton contrata mão-de-obra barata irlandesa para substituir os operários em greve. De fato, a indústria britânica possuía uma reserva permanente de força de trabalho extremamente numerosa e paupérrima: a população irlandesa. Entre 1835-50 a fome irlandesa, uma das maiores catástrofes do século XIX, produziu a emigração em massa de 1,5 milhão (de um total de 8,5 milhões) de irlandeses; para

além dos quase um milhão que morreram de fome entre 1846-47. Esses constituíam a classe mais baixa da população e, portanto, aceitavam o que lhes era oferecido. Assim como é ilustrado no romance de Gaskell, havia um ódio coletivo dos operários ingleses contra os irlandeses: eles estavam “enfurecidos além da medida ao descobrir que trabalhadores irlandeses seriam trazidos para roubar o pão dos seus filhos” (2011: 141). No romance, os operários em greve acusam os irlandeses de manterem os salários baixos, degradando a situação da classe operária. A miséria irlandesa apontada como causa, não consequência do mesmo processo que avilta os trabalhadores urbanos.

Hobsbawm (1997: 230) registra a emergência, no século XIX, de um novo movimento operário pautado pela consciência de classe e ambição de classe. A fala de Higgins apresentada acima e o modo como a greve e o sindicato são apresentados no romance podem servir de afirmação para a tese do autor. Mesmo que Gaskell não se utilize da definição proletário, podemos afirmar que *Norte e Sul* demonstra o nascimento dessa consciência de classe contra as explorações que sofriam. Higgins, por exemplo, dá ênfase ao longo do romance em suas conversas com Margaret à importância de se integrar ao Sindicato, porque os patrões nunca estariam do lado dos operários e, assim sendo, estes deveriam se proteger e se unir. Referente a essa afirmação do papel do sindicato, a seguinte passagem de Hobsbawm nos auxilia a compreender melhor as falas de Higgins:

A experiência da classe operária dava aos trabalhadores pobres as maiores instituições para sua autodefesa diária, o sindicato e a sociedade de auxílio mútuo, e as melhores

armas para a luta coletiva, a solidariedade e a greve [...] (2011: 232).

A solidariedade de classe era a única ferramenta disponível aos trabalhadores, uma vez que, assim, eles podiam exprimir sua coletividade. Deste ponto de vista, ser “furador de greve” era o mais grave que se podia fazer, “aquele que deixasse de ser solidário tornava-se o Judas de sua comunidade” (HOBSBAWM, 1977: 233). O estado de turba dos trabalhadores desaparece ao longo do XIX para dar lugar, aos poucos, a uma consciência política e de classe. A Revolução Industrial provocou nessa classe a necessidade permanente de mobilização. Assim, o movimento operário foi uma organização tanto de autodefesa e protesto quanto de revolução dos trabalhadores. O movimento, segundo Hobsbawm, tinha a ver com o tipo de vida que eles criaram para si mesmos, sua “luta era sua própria essência”. A burguesia nada lhes oferecia, nada deviam a ela exceto seus míseros salários, seu modo de vida e de luta era fruto de sua própria criação e cultura (HOBSBAWM, 1977). Assim sendo, Milton Norte configura-se, segundo Bresciani (1985), como um problemático macrocosmo social, definido pela diversidade que gera conflitos. A cidade industrial é representada pelo contraste entre a riqueza e a pobreza, a ostentação e a degradação, o sul e o norte.

Esse novo olhar sobre a História a partir da literatura propõe ampliar as perspectivas acerca dos fatos históricos. Nesse cenário, o romance social, dentre o qual situamos Gaskell, abre possibilidade para se narrar uma história das classes mais baixas e das consequências da Revolução Industrial sobre essa classe. O romance é apenas uma das

narrativas que denunciam as desigualdades sociais e os males da industrialização no século XIX. Não entramos aqui no mérito de sua solução final, inúmeros trabalhos a partir da segunda metade do século XIX analisam a luta de classes e a impossibilidade de um diálogo conciliatório entre exploradores e explorados. Gaskell possui uma análise única, proveniente de suas experiências de vida, que a permitiram conhecer ambos os lados desse confronto industrial, os unindo por meio do que sua consciência moral acreditava ser o certo: o equilíbrio de forças e a igualdade cristã.

Bibliografia

BRESCIANI, M. S. M. Metrópolis: as faces de um monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985.

GASKELL, E. *Norte e Sul*. Tradução de Doris Goettems. São Paulo: Editora Landmark, 2011.

GAY, P. Além do princípio da realidade. In: _____. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. Tradução de Rosa Eichenberg. São Paulo: Companhia das letras, 2010, p. 11-28.

GUIMARÃES, P. *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell*. Braga: Universidade do Minho, 1993.

_____. A. *A Resolução de North and South de Elizabeth Gaskell (1848-1855)*. Dissertação de mestrado. Instituto de Letras e ciências humanas. Universidade de Minho, Braga, 1995.

HOBSBAWM, Eric. A revolução Industrial; Os trabalhadores pobres. In: _____. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 40-67; p. 234-252.

JESUS, I. D. B. *Relações de gênero e classe na Inglaterra vitoriana a partir do romance Norte e Sul, de Elizabeth Gaskell*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de Alfenas, 2014.

LÖWY, Michel; SAYRE, R. *Revolta e Melancolia: O romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

MENEGUELLO, Cristina. O olhar social sobre a cidade. In: _____. *Da ruína ao edifício Neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana*. Tese (doutorado) - Universidade de Filosofia e ciências humanas. Campinas, 2000, 49-74.

SEVCENKO, N. Introdução. In: _____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999, 19-25.

SILVEIRA, T. P. *Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em North and South, de Elizabeth Gaskell*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOCHA, M. F. *Romances industriais do século XIX: proximidades e distanciamentos entre Tempos Difíceis, de Charles Dickens e Norte e Sul, de Elizabeth Gaskell*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2018.

WATT, I. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILLIAMS, R. *O campo e a cidade na história da literatura*. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Recebido em: 18/08/2019

Aceito em: 12/07/2020